

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O Liberal

CLASS. : 250

DATA : 5.10.85

PG. : \_\_\_\_\_

4468

(Lucio Flavio Pinto)

# Heresia no garimpo

**S**e a União vai conceder os recursos financeiros e se os órgãos federais manterão seu apoio operacional, que contribuição original poderá dar o Estado em Serra Pelada? Muitos técnicos devem estar se fazendo esta pergunta. Dificilmente encontrarão a resposta ao nível exclusivamente técnico: foi introduzido um novo protagonista, mas os personagens são os mesmos.

O que o Estado vai executar, a União também poderia realizar sem problemas: a drenagem da água acumulada no fundo da "cava" e o rebaixamento parcial das paredes laterais do enorme buraco que os garimpeiros abriram em busca de ouro. O Estado só poderá fazer esses serviços com o auxílio financeiro do governo federal, cujos órgãos ligados à mineração não vêem mais futuro em Serra Pelada enquanto garimpo.

Aí pode estar uma das razões do presidente José Sarney para transferir a incumbência ao Pará: a posição doutrinária de seus assessores é de que o garimpo chegou ao seu limite de vida e a partir de agora deve interessar apenas para o sepultamento. Pelo estrito critério do cálculo econômico, não seria mais recomendável fazer novos investimentos em Serra Pelada porque o dinheiro não terá retorno. Ele será aplicado literalmente a fundo perdido.

Mas o governo estadual acha que esse é o preço a ser pago por uma desativação ordenada de Serra Pelada, que podia ter sido efetuada em dois momentos no passado, mas foi cancelada porque iria render ainda política e eleitoralmente (além de economicamente, já que era comprovada a existência de ouro por extrair). Dividido na forma de encarar a condução do garimpo, o governo federal preferiu passar adiante o problema. O Estado, que não pode recusar sua função de polícia, encontrou vários motivos para interessar-se pelo acervo, inclusive — e mais uma vez —

motivações políticas. Desde, naturalmente, que consiga o dinheiro a fundo perdido.

Mesmo que quisesse, o governo não poderia atender integralmente as reivindicações dos garimpeiros. Não há mais tempo útil para a remoção dos cinco milhões de metros cúbicos de terra que dariam plena condição de trabalho na "cava". Apenas uma pequena parte dessa terraplenagem poderá ser feita — e mesmo assim com o sacrifício da própria continuidade da lavra durante o serviço de engenharia. Há também fundadas dúvidas quanto à possibilidade de se conseguir secar o fundo do buraco, alcançado que foi o lençol freático.

**I**sto significa que Serra Pelada vai ter que desinflar durante o inverno, como já ocorreu na estação passada. Haverá apenas a manutenção de um certo contingente, talvez 15 a 20% dos que atualmente lá se encontram. A debandada já ocorreu outras vezes, mas os garimpeiros voltaram para suas "catas". Em parte porque estão vinculados a determinados compromissos ou tangidos pela necessidade básica de sobrevivência. Mas também porque tinham o aceno de regresso do governo, ou de quem falava em nome dele.

Agora pode ser diferente. Retirar cinco milhões de hectares de terra por padrões técnicos da mineração significará ir muito além dos 34 bilhões de cruzeiros orçados pela cooperativa e dos desafios previstos. É um trabalho que alguém só decidirá fazer depois de uma nova cubagem da "cava", sobretudo com a complicação causada pela penetração no lençol freático. É tarefa que está acima da capacidade da cooperativa e dos garimpeiros enquanto unidades autônomas de produção.

A profundidade do buraco já ultrapassou o limite do decreto de criação da reserva e o ouro cubado pela Docegeo já foi consumido. O futuro, a partir de agora, é uma loteria: pode dar um grande prêmio

ou causar total decepção. Os garimpeiros estão acostumados a isso em seu ofício, mas a situação física de Serra Pelada não tem mais nada a ver com garimpagem. O cenário ali é típico de mineração. Não se movimenta mais por leis naturais e sim por regras artificiais, que podem ser mantidas, mas a um determinado custo.

**O** que conhecemos convencionalmente por Serra Pelada não tem mais do que um hectare. É o maior garimpo de ouro individual da história. A reserva garimpeira estende-se por 100 hectares. Essa dimensão deve ter sido estabelecida aleatoriamente, daí o número redondinho. Mas as possibilidades de ocorrência de ouro nas áreas próximas, inclusive no povoado, não podem ser descartadas. Só que exigem pesquisa geológica, sondagem e cubagem, um trabalho técnico que não pode ser condicionado ao afogadilho das necessidades prementes.

A pesquisa custará caro. Quem a financiará? Em favor de quem ela será feita? Excluída a cooperativa, por evidente inadimplência, sobram duas hipóteses: uma empresa ou o próprio governo. Se o governo for levado a essa decisão, a iniciativa certamente motivará os cérebros a pensarem na seguinte situação: por que não estatizar Serra Pelada? Será que o Estado, enquanto agente da produção, terá que ficar apenas com as despesas? E Serra Pelada, mesmo com sua dimensão social, vale investimentos a fundo perdido, se seus benefícios serão em seguida capitalizados privativamente?

A questão parece heresia para os padrões normais de garimpagem. Inevitavelmente, uma nova organização da produção, sob controle central, envolverá muitos e difíceis problemas. Mais herética, no entanto, é essa masoquista tendência a socializar perdas e privatizar benefícios, como a que está mais uma vez à vista em Serra Pelada.